



<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/em-viagem/>

Em viagem

Lígia Mara Santos[1]

Maria Eliza Chierighini Pimentel[2]

RESUMO: De modo despretensioso, mas não pouco comprometido, este ensaio recupera o contorno dos territórios percorridos com um grupo de crianças de 1 a 3 anos de idade em uma escola de educação infantil. Por meio de uma escrita fluida, com jogos de palavras e de imagens, assumimos o delicado compromisso de narrar essa vertiginosa viagem entre o real e o imaginário, entre a racionalidade e o afeto. Trata-se de uma experiência que articula arte e literatura para pensar a infância, ou ainda, o desejo de vislumbrar outras e novas possibilidades de ser criança no espaço escolar, mediante a descoberta de outros tempos, lugares e materiais para sua atividade imaginativa e participação no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Cidades. Tempos. Lugares. Materiais. Educação Infantil.

En viaje

RESUMEN: De manera sencilla pero no exenta de compromisos, este ensayo recupera los contornos de los territorios recorridos por un grupo de niños de 1 a 3 años de edad en una escuela de educación infantil. A través de una escritura fluida, con juegos de palabras e imágenes, asumimos la delicada apuesta de narrar este viaje vertiginoso entre lo real y lo imaginario, entre la racionalidad y el afecto. Es una experiencia que combina arte y literatura para pensar la infancia, o incluso, el deseo de vislumbrar otras y nuevas posibilidades de ser niño en el espacio escolar, a través del descubrimiento de otros tiempos, lugares y materiales para su actividad imaginativa y participación en el mundo.

PALABRAS CLAVE: Ciudades. Tiempos. Lugares. Materiales. Educación Infantil.



Para dar início à viagem, não basta sair do continente.
É preciso perdê-lo como referência.
(Ana Godoy, 2008, p. 21)

Tempos, lugares, materiais

Uma viagem inicia...

O ponto de referência é uma escola de educação infantil, numa jornada que conta com viajantes pouco experientes: crianças com idades bem distintas, entre 1 e 3 anos, e em períodos do desenvolvimento diferentes, acompanhadas de professoras e de estagiárias.

A potente dupla arte e literatura se configura como a bússola que orienta as trajetórias ao longo de todo o percurso. Por isso, ao se depararem com as diferentes manifestações artísticas e culturais, ao verem, ouvirem e contarem histórias, ao manipularem e explorarem um conjunto de materiais e de objetos, crianças e adultos experimentam sensações e emoções.

Aqui, o corpo é um meio privilegiado de comunicação e de expressão, uma forma de participação da cultura e de interação com o outro.

Desta forma, corroboramos com Yolanda Reyes (2010, p. 25) de que a história humana tem nos demonstrado, desde o princípio, que “[...] não só de pão vive o homem”, pois “além de sermos nutridos e atendidos no plano fisiológico, precisamos das palavras e do afeto de que são portadoras para sobreviver”. Talvez, por isso, as experiências estéticas oportunizadas pelo/no encontro com a arte e com a literatura, “[...] esse texto a tantas vozes que abriga, expressa e recolhe nossa sede de encantamento” e que “[...] reúne os rastros da ancestral fascinação pelo poder das palavras deixadas pelos que vieram antes e também por nós, como em relevo, para os recém-chegados”, tenham o poder de nutrir e alimentar as brincadeiras infantis, por meio das quais as crianças também aprendem e constituem-se como sujeitos culturais.

Assim, ao nosso ver, os sentimentos e a imaginação são formas legítimas de conhecimento, e todo o percurso é pespontado com fios flexíveis, para acolher a maleabilidade da criação infantil. Os lugares percorridos são sempre os externos: varandas, quiosques, decks, parques, o bosque, a botânica, o lago, os arredores da Universidade, a cidade.



Alguns locais escolhidos guardam certa peculiaridade, além de exteriores, são também periféricos. Trabalhamos com as margens da escola, das cidades. Os espaços exteriores costumam não se repetir e com eles a possibilidade de novas experiências. Como bem lembra Kearney (2012, p. 417), “as histórias nos alteram, ao nos transportar para outros tempos e lugares, onde podemos experimentar as coisas de outro modo”, permitindo, portanto, “saber como é estar no lugar, na cabeça, na pele de outra pessoa”. Ou melhor:

O que é impossível na realidade torna-se possível na ficção. Esse poder de empatia com seres vivos que não somos nós mesmos – quanto mais estranhos, melhor – é um teste supremo não só de nossa imaginação poética, mas também de nossa sensibilidade ética. [...]. E é precisamente este jogo de diferença e identidade – experimentar a si próprio como outro e o outro como a si próprio – que provoca uma reversão de nossa atitude natural diante das coisas e nos abre novas maneiras de ver e ser. (Kearney, 2012, p. 418-419).

Além disso, a experiência tem revelado que as crianças são curiosas apreciadoras, e por isso, os materiais são encontrados nos lugares referidos depois de muita procura e de uma investigação apurada. Tudo o que é selecionado, leva-se com cuidado para escola: galhos de variados tamanhos, folhas de diferentes cores e texturas, flores, pedras, areias.

Depois de escolhido um lugar para cada cidade, levamos todo o material recolhido, e uma inusitada construção ganha vida. A criação infantil é entendida como um lugar lúdico-plástico sem utilidade, não há uma preocupação com um produto final, e sim, interessa-nos o processo por meio do qual as crianças vivem e experienciam esses materiais mais livres em relação ao conteúdo social implícito.

Os tempos em cada lugar, cada cidade, são também diversos. Carregamos em nós os lugares e as experiências que nos afetam e marcam, e, de um modo ou de outro, são esses mesmos lugares e experiências que passam a habitar nossas invenções ao longo de nossa caminhada. Por isso, consideramos importante transpor a temporalidade cronológica, e entrar no tempo do devaneio, do sonho. A flexibilização do tempo nos permite considerar os movimentos de cada viajante, pois interessa-nos mais o caminho do que a chegada, buscando qualidade e intensidade nas experiências.



TEMPOS diferentes que habitam o mesmo lugar.



Figura 1 – Composição de imagens referentes as cidades, 2023. Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

LUGARES diferentes que se interligam, noutra tempo.



Figura 2 – Composição de imagens referentes as cidades, 2023. Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

Do que são feitos os **LUGARES**? Do que é feito o **TEMPO**?



Figura 3 – Composição de imagens referentes as cidades, 2023. Fonte: Arquivo pessoal das autoras.



O mundo das Cidades Fantásticas

Às vezes basta-me uma partícula que se abre no meio de uma paisagem incongruente, um aflorar de luzes na neblina, o diálogo de dois passantes que se encontram no vaivém, para pensar que partindo dali construirei pedaço por pedaço a cidade perfeita, feita de fragmentos misturados com o resto, de instantes separados por intervalos, de sinais que alguém envia e nem sabe quem capta. Se digo que a cidade para qual tende a minha viagem é descontínua no espaço e no tempo, ora mais rala, ora mais densa, você não deve crer que pode parar de procurá-la.
(Italo Calvino, 2017, p.199)

Para onde nos levarão os promissores ventos? Em que tempo e para quais lugares?

A coisa agora é a cidade, pretexto para nossas deambulações e viagens. A palavra soprada com vento sul é *CIDADES*. Lugares fantásticos, nutridos com a matiz imaginativa de um coletivo de crianças, professoras e estagiárias.

As viagens incrementam invenções pedagógicas em nossos processos cotidianos, movimentos de apropriação do conhecimento que têm como elemento fundamental a experimentação. Transformamos a escola em lugar de encontros, onde adultos e crianças se juntam e constroem suas trajetórias, caminhos sinuosos que marcam itinerários próprios.

As deambulações acontecem no trânsito entre uma cidade e outra. Os personagens iniciais são: Cobra de Fogo, Boitatá, Boitatá Incandescente, Dragões, e algumas figuras criadas pelo artista catarinense Franklin Cascaes.

Para pensar as cidades, seguimos a senda de Italo Calvino (2017), em seu livro *Cidades Invisíveis*. Nossas cidades também carregam o tom encantatório das fábulas: cada cidade uma profusão de coisas, alegorias.

A primeira cidade foi criada no espaço do quiosque, edificação que existe a muito tempo na instituição, e que nos últimos anos tem escapado do uso cotidiano. Sua construção teve inicialmente a finalidade de ser uma área de convivência para as crianças, docentes, famílias e toda a comunidade escolar. Seu estado atual de desamparo foi justamente o que atraiu o interesse das professoras: um lugar esquecido, pouco limpo, que de alguma forma deixou de existir. O imaginado



modifica o dado, um espaço marginal e pouco utilizado assume outro significado. Diferente uso, outra função, e o quiosque ganha vida: sua arquitetura arredondada sobressai para abrigar, no teto de sua varanda, uma Cidade Suspensa. Localizado nos fundos da escola, o lugar agora abriga uma cidade constituída sobre fios suspensos no teto.

Do ponto onde nos encontramos inicialmente com as crianças, são muitos e muitos dias de viagem para chegarmos à Cidade Suspensa. Um trajeto cheio de desafios, no qual tivemos a oportunidade de conhecer quatro criancinhas que também se encontravam em viagem, numa grande peripécia de dar a volta ao mundo. Violeta, Stilinge, Gui e Leonel tornaram-se nossos companheiros de viagem numa boa parte de nosso percurso. Entramos em contato com essas crianças por meio de um divertido livro de Edward Lear (2016), *Conversando com varejeiras azuis*, e foi uma alegria conhecê-las.



Figura 4 – Composição de imagens referente a Cidade Suspensa, 2023. Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

Findada a construção da teia na Cidade Suspensa, os habitantes se aproximaram: eram seres alados vindos de diferentes partes.

Kwaku Ananse, o homem aranha, foi o responsável pela tessitura da trama que teve como finalidade acolher os personagens viajantes. A teia foi tramada com fios de prata, iguais aos da lenda africana, *Ananse, o velho sábio* (2007), que narra sobre esse personagem que queria as histórias que estavam sob domínio do deus do céu, que as guardava trancafiadas num baú de madeira, deixando o mundo desprovido de histórias para contar.

A primeira personagem que chegou ao local foi uma Mamãe Dragão. Assim que a progenitora examinou a segurança do lugar, trouxe para cidade seus pequeninos filhotes que foram chegando um a um, e, timidamente, começaram a explorar todas as novidades: um jogo de equilíbrio em cores, texturas, fios e tramas. Passados alguns dias, depois de um grande temporal, chegou



também o Papai Dragão. Foi dessa forma que a família de dragões encheu a cidade com rumores de vida.

O teto do quiosque logo foi ficando pequeno para tantos habitantes, pois ainda chegou uma família de boitatás e, por último, uma inusitada Cobra de Fogo.

A lenda do Boitatá é contada em várias regiões do Brasil, e, em cada lugar, é narrada de forma diferente. Em muitas das histórias contadas por aí, o Boitatá assume a imagem de um dragão que costuma ser representado por uma Cobra de Fogo. Um animal com um contorno ondulante e olhos que imitam faróis iluminados. Em noites escuras, seus olhos brilham sobre as cidades, abismando andantes desavisados.

Por intermédio da Cobra de Fogo, conhecemos a Cobra Coral, uma personagem singular criada pelo artista catarinense Luiz Henrique Schwanke[3]. A cobra inventada por ele era feita com inúmeros baldes de plástico alternados com as cores branco, vermelho e preto. Depois de explorarmos muitas imagens e referências da obra do artista, criamos nossas próprias corais.

A Cobra Coral foi também a habitante que nos conduziu para a Cidade Subterrânea, lugar íngreme, de solo irregular, localizado nos fundos do quiosque. Outra vez nossa cidade foi construída num espaço impensado, e, como a imaginação é política, outros lugares foram criados, novas formas, diferentes jeitos de olhar e perceber o entorno. Construímos, assim, uma nova maneira de habitar.



Figura 5 – Composição de imagens referente a Cidade Subterrânea, 2023. Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

Como devemos entrar numa cidade subterrânea? Seguindo a trilha dos ninhos de aranha, o rastro das cobras ou os labirintos subterrâneos da cidade das formigas?



Os trajetos exigem uma ótica fabulosa, a entrada nesse universo requer alguma imaginação. Uma ideia de esconderijo envolve o lugar, poucos podem entrar, é um espaço secreto. A Cidade Subterrânea é, de alguma forma, uma Cidade Secreta, como atentou um viajante, indicando para o grupo a presença de tal lugar no jogo das Cidades Fantásticas.

Assim, para termos acesso a entrada misteriosa, fazíamos o contorno nos fundos do quiosque, perpassando carreiros formados pela água da chuva e embrenhando-nos em buracos profundos, aventura exigente que contou com nossa destreza, equilíbrio corporal e muita coragem.

Histórias de diferentes cobras de distintas culturas alinhavaram nossa visita nesse mundo subterrâneo, contadas por Stela Barbieri e Fernando Vilela (2009), no interessantíssimo *O livro das cobras*.

Em contato com os interiores subterrâneos, descobrimos que muitos humanos também podem viver e transitar por esses espaços quase secretos. Em nossas andanças, tivemos a oportunidade de conhecer cavernas e cidades localizadas no fundo da terra.



Figura 6 – Composição de imagens referente a Cidade Subterrânea, 2023. Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

Descobrimos que nem todo buraco na terra nos levará a uma Cidade Subterrânea, há muitos furos por aí e alguns deles nos conduziram para o avesso do mundo, estranha viagem que fizemos acompanhados da menina Lila, entre linhas, alinhavos e bordados tradicionais da cultura palestina. Por meio da história de Isol (2023), no livro *A costura*, conhecemos um pouco desse mundo e do outro, o do lado de trás, onde tudo parece um sonho.

Depois de perambular entre os fios entremeados de Lila, numa viagem de sonhos, nos deparamos com a terceira cidade, a Flutuante. Seus habitantes eram animais que viviam na água: peixes,



polvos, baleias e tubarões foram alguns dos personagens com os quais nos encontramos, inicialmente.



Figura 7 – Composição de imagens referente a Cidade Flutuante, 2023. Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

A Cidade Flutuante era muito distante da anterior, uma espécie de ilha que exigiu uma embarcação flutuante para viagem. Foram muitos dias sobre as águas para termos acesso ao seu interior. Durante o trajeto, enfrentamos chuvas e tempestades, em frágeis barquinhos de papel. Uma vez ou outra, nossos barcos se desfizeram na água e foi preciso com urgência substituí-los por outros de reserva. Depois de enfrentarmos inúmeras dificuldades, finalmente chegamos a tão desejada cidade. Valeu a pena: Flutuante é uma cidade maravilhosa, cheia de água colorida em seu entorno, nas tonalidades de azul, verde, vermelho, violeta e amarelo.

Em dias de temporal, recolhemos a água da chuva em grandes garrafões, usufruindo de seu cheirinho e discreto sabor de arroz. Para tal invenção, fomos conduzidos por Celino e nos inspiramos em sua coleção de chuvas. Numa cidade, na rua do Sol, vivia uma família com um filho colecionador de chuvas: gotículas finas e frias, sobras de orvalho matutino, torós noturnos, entre outras mais. Conhecemos Celino e logo nos encantamos por ele, personagem querido do livro de André Neves (2019), *O colecionador de chuvas*.



Figura 8 – Imagem referente a Cidade Flutuante, 2023. Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

De história em história, chegamos noutra Cidade Flutuante, localizada no estado de Pernambuco. Aqui começou uma pequena confusão, de histórias e de cidades! Nesta ocasião, conhecemos um pouco sobre as casas dos moradores dos mangues urbanos da cidade de Recife. Construções conhecidas como palafitas, dispostas sobre as águas. Quando a maré enche, as águas se aproximam do chão das casas de palafita e os caranguejos folgados saltam para dentro. O livro de Roger Mello (2001), *Meninos do Mangue*, nos aproximou dessa cidade por meio dos personagens Sorte e Preguiça, exímios pescadores de caranguejos.

Ainda em Pernambuco, em compasso de transeuntes distraídos, fomos quase engolidos por uma imperiosa Cidade Musical. Esta cidade nos foi apresentada por uma das crianças viajantes, que indicou sua existência em nossos trajetos cotidianos. A cidade surge em ritmo de Maracatu. Primeiro ouvimos e desfrutamos do som pulsante do trompete e dos tambores, depois, inebriados pela musicalidade, seguimos o ritmado cortejo.

Meu Maracatu é da Cidade Imperial

É de Pernambuco

Ele é

Da Casa Real...



Seguindo o cortejo, nos deparamos com a quarta e última cidade: a Vertical. Lugar habitado pela verticalidade que amparou em sua superfície a possibilidade de altas e diferentes árvores. Uma cidade chegando, berço de pitangueiras, ipês, grumixamas, nuances ainda por vir.



Figura 9 – Imagem referente a construção da Cidade Vertical, 2023. Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

Em nossos caminhos viajantes, várias cidades foram pensadas, visitadas e habitadas. Outras, permaneceram num mundo virtual[4]: uma cidade de vidro habitada por seres invisíveis; uma cidade de espelhos, onde veríamos entre uma torre e outra, nossa própria imagem refletida. Esses foram movimentos de começos, apenas esboços, não chegaram a se materializar, talvez nunca cheguem. Exclusivamente ideias, desejos, rascunhos, delineamentos...



Figura 10 – Composição de imagens com materiais da viagem entre Cidades, 2023. Fonte:Arquivo pessoal das autoras.

Durante nossos percursos, de cidade em cidade, carregamos conosco alguns elementos, uma espécie de bagagem que nos acompanhou em cada travessia: uma grande mala cor de rosa, brilhante. Sua luminosidade nos permitiu avistá-la à distância ou no escuro, evitando assim qualquer possível extravio. Dentro da mala levamos um mapa, histórias, livros e muita imaginação. O mapa é de tecido, elaborado com maestria e precisão pelas crianças. Instrumento de orientação que nos ajudou a definir rumos e destinos.

Levamos também um chão móvel, superfície feita de lona, sobra de uma antiga cortina, que amparou movimentos, brincadeiras e passagens. Um chão que foi aberto e estendido em qualquer lugar, a qualquer tempo. Suporte para lanches e piqueniques. Quando suspenso, eficiente proteção para dias de chuva e temporais, ou discreto esconderijo onde pudemos nos ocultar fugindo de ameaças e perigos como lobos, bruxas e outros seres...

Tínhamos ainda uma Casa viajante, que foi responsável por nossos movimentos. Entrávamos nela e viajávamos por muitos dias, abrigados de qualquer intempérie. A Casa Viajante foi nosso eficiente meio de locomoção.

Nossa viagem foi exitosa, o grupo de crianças, cada um à sua maneira, pode pensar, inventar, participar, derrubar, construir, VIAJAR... Existem muitos jeitos de se fazer uma viagem, aqui cada viajante pode dar o seu tom para a inusitada aventura.



Bibliografia

BARBIERI, Stela. **O livro das cobras**. Ilustrações de Fernando Vilela. São Paulo: DCL, 2009.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ISOL. **A costura**. Tradução de Joana Angélica d'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2023.

KALEKI. **Ananse, o velho sábio**. Ilustração de Jean-Claude Götting; Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2007.

KEARNEY, Richard. Narrativa. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 37, n. 2, p. 409-438, maio/ago., 2012.

LEAR, Edward. **Conversando com varejeiras azuis**. Tradução de Dirce Waltrick do Amarante. São Paulo: Iluminuras, 2016.

MELLO, Roger. **Meninos do mangue**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2001.

NEVES, André. **O colecionador de chuvas**. São Paulo: Editora Paulinas, 2019.

REYES, Yolanda. **A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância**. São Paulo: Global, 2010.

Recebido em: 15/09/2024

Aceito em: 15/11/2024

[1] Universidade Federal de Santa Catarina. Email: ligiasantos234@gmail.com

[2] Universidade Federal de Santa Catarina. Email: mariapimentel89@hotmail.com

[3] Artista catarinense (1951-1992), pintor, desenhista, escultor, ator, dramaturgo, cenógrafo e publicitário.

[4] Modos de existência: Os virtuais - David Lapoujad